

LIVRO 8 DE A RODA DO TEMPO

# ROBERT JORDAN

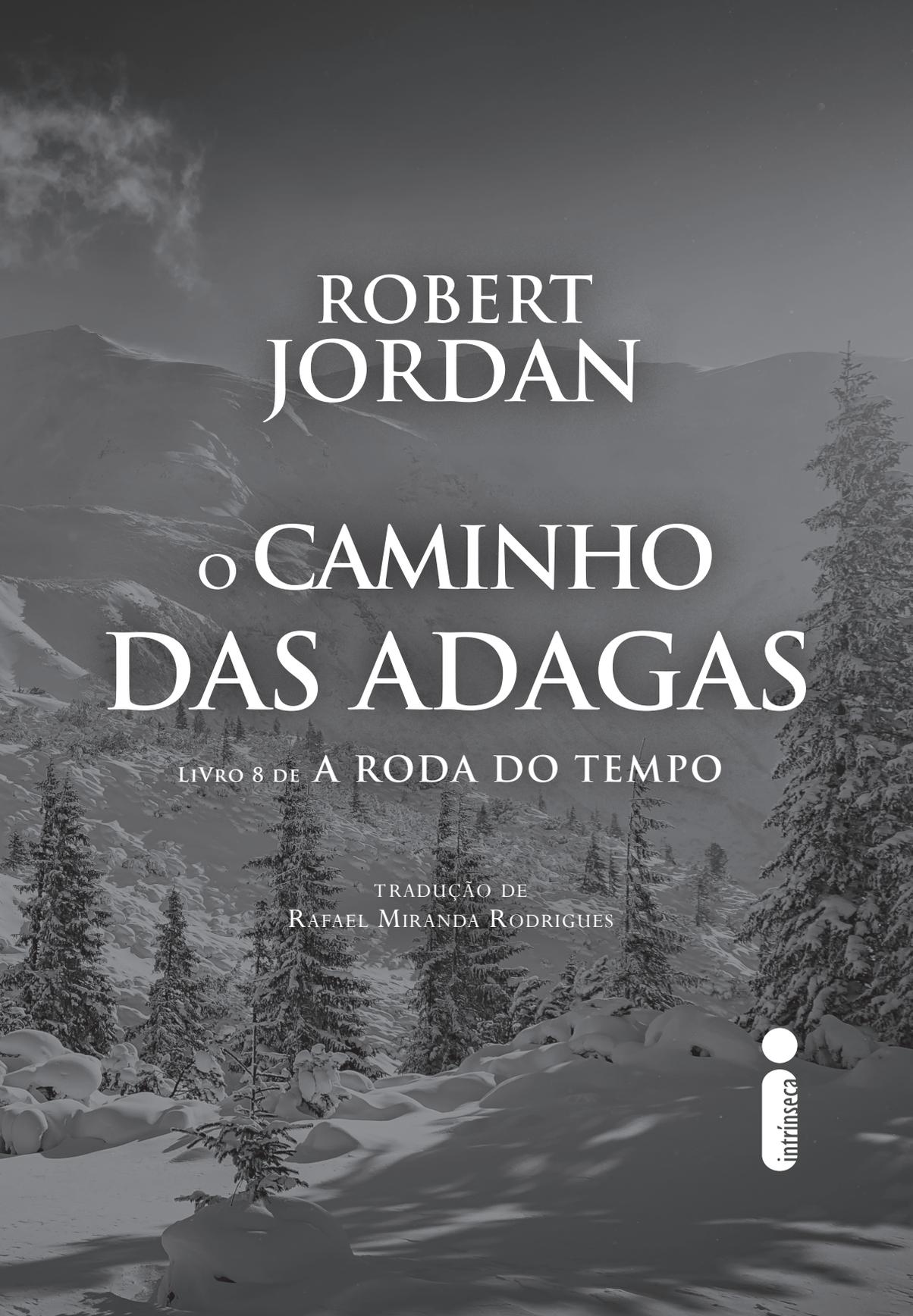
## O CAMINHO DAS ADAGAS



"COM *A RODA DO TEMPO*, JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR  
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times





ROBERT  
JORDAN

o CAMINHO  
DAS ADAGAS

LIVRO 8 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE  
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES

  
intrínseca

Copyright © 1998 by The Bandersnatch Group, Inc.  
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associates, Inc.  
“The Wheel of Time®”, “The Dragon Reborn™” e o símbolo da  
roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan  
Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL  
The Path of Daggers

EDIÇÃO  
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO  
Beatriz D'Oliveira

REVISÃO  
Rowena Esteves

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGEM PÁGS. 2 E 3  
© Yevhenii Chulovskyi/Shutterstock images

MAPA  
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA  
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS  
Matthew C. Nielsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69c

Jordan, Robert, 1948-2007

O caminho das adagas / Robert Jordan ; tradução Rafael  
Miranda Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
592 p. ; 23 cm. (Roda do tempo ; 8)

Tradução de: The path of daggers  
Sequência de: Uma coroa de espadas  
ISBN 978-65-5560-427-6

22-80414

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)



1. Ficção americana. I. Rodrigues, Rafael Miranda. II. Título. III. Série.

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Harriet,  
Minha luz, minha vida, meu coração,  
para sempre*

# SUMÁRIO

Mapa	10 e 11
Prólogo: Aparências enganosas	13
1 Em respeito ao acordo	43
2 Desfazendo a tessitura	64
3 Uma cavalgada agradável	82
4 Um lugar calmo	95
5 A tempestade caindo	109
6 Fios	129
7 Curral de cabras	153
8 Uma simples camponesa	170
9 Emaranhados	196
10 Mudanças	216
11 Muitas perguntas e um juramento	239
12 Novas alianças	256
13 Flutuando como neve	277
14 Mensagem do M'Hael	289
15 Mais forte que a lei escrita	304
16 Ausências inesperadas	320
17 No gelo	340
18 Um chamado peculiar	355
19 A lei	365
20 Em Andor	383
21 Atendendo à convocação	399
22 Mais e mais nuvens	414
23 Névoa de guerra, tempestade de batalha	428
24 Tempos para o ferro	449
25 Um retorno indesejado	480
26 O detalhe a mais	491
27 O acordo	510

28	Espinho-carmim	533
29	Um copo de sono	547
30	Começos	564
31	Depois	579
	Glossário	581

Quem quiser cear com os poderosos deverá trilhar o caminho das adagas.

(Anotação anônima encontrada nas margens de registros históricos — dos tempos de Artur Asa-de-gavião, acredita-se — dos últimos dias dos Conclaves de Tovan)

Das alturas, todos os caminhos são pavimentados com adagas.

(antigo ditado Seanchan)



# PRÓLOGO



## APARÊNCIAS ENGANOSAS

Ethenielle já tinha visto montanhas mais baixas que aquelas mal nomeadas Colinas Negras, grandes amontoados assimétricos de pedregulhos parcialmente enterrados, entremeados de íngremes passos sinuosos. Vários daqueles passos teriam feito uma cabra hesitar. Podia-se passar três dias viajando por florestas abaladas pela seca e campos de relva marrom sem vislumbrar um único sinal de presença humana, e então se ver, de repente, a meio dia de viagem de sete ou oito vilarejos minúsculos, todos eles alheios ao mundo. As Colinas Negras eram um lugar desafiador para fazendeiros, distantes das rotas de comércio, e ainda mais inóspitas naqueles tempos que outrora. Um leopardo encovado, que devia ter sumido ao avistar pessoas, observava de uma encosta escarpada a menos de quarenta passadas de distância quando ela passou com sua escolta de armadura. A oeste, abutres voavam em círculos pacientes, como um presságio. Nenhuma nuvem maculava o céu vermelho-sangue, embora houvesse um certo tipo de nuvem: quando o vento morno soprava, levantava paredes de poeira.

Com cinquenta de seus melhores homens em seus calcanhares, Ethenielle cavalgava sem preocupação, e sem pressa. Ao contrário de sua quase lendária ancestral, Surasa, ela não tinha a menor ilusão de que o clima atenderia aos seus desejos só porque ocupava o Trono das Nuvens. Quanto à falta de pressa... Cartas cuidadosamente codificadas e muito bem guardadas haviam definido a ordem da marcha, o que fora determinado conforme a necessidade de cada pessoa de viajar sem chamar atenção. Tarefa nada fácil. Havia quem achasse impossível.

De rosto franzido, ela refletiu sobre a sorte que lhe permitira chegar até ali sem ter de matar ninguém, evitando aqueles vilarejos infestados de moscas,

mesmo quando isso significava prolongar a jornada em alguns dias. Os raros *pousos* Ogier não representavam problema — os Ogier, na maioria das vezes, davam pouca atenção ao que acontecia com os humanos, e menos ainda, ao que parecia, em tempos recentes —, mas os vilarejos... Eram pequenos demais para abrigar olhos-e-ouvidos da Torre Branca ou daquele sujeito que dizia ser o Dragão Renascido, e que talvez até fosse — ela não conseguia decidir o que seria pior —, pequenos demais, ainda que mascates, vez ou outra, passassem por eles. Mascates transportavam a mesma quantidade de fofocas que de mercadorias e conversavam com pessoas que conversavam com outras pessoas, os boatos correndo feito um rio que não parava de se ramificar, atravessando as Colinas Negras e ganhando o mundo. Com poucas palavras, um único pastor que passara despercebido podia acender um sinal de fogo que seria avistado a quinhentas léguas. O tipo de sinal de fogo que incendiava matas e campos. E cidades, talvez. Nações.

— Fiz a escolha certa, Seraila?

Frustrada consigo mesma, Ethenielle fez uma careta. Podia até não ser mais uma garota, mas seus poucos fios grisalhos não lhe davam idade suficiente para deixar a língua solta ao sabor da brisa. A decisão estava tomada. Porém, andara pensando naquilo. Sabia a Luz que ela não estava tão despreocupada quanto gostaria.

A Primeira Conselheira de Ethenielle esporeou a égua baia para se aproximar do sedoso capão negro da rainha. De rosto redondo plácido e olhos negros pensativos, Lady Seraila poderia se passar por uma esposa de fazendeiro enfiada de supetão em um vestido de cavalgada de uma nobre qualquer, mas a mente por trás daquelas feições simples e suadas era tão afiada quanto a de qualquer Aes Sedai.

— As outras opções só envolviam outros riscos, não riscos menores — observou ela, tranquila. Corpulenta, mas tão graciosa no alto da sela quanto o era dançando, Seraila estava sempre tranquila. Nem bajuladora nem falsa, só absolutamente inabalável. — Seja qual for a verdade, majestade, a Torre Branca parece estar paralisada e destroçada. A senhora poderia ter ficado sentada observando a Praga enquanto o mundo desmoronava atrás de si. Poderia, se fosse uma pessoa diferente.

A simples necessidade de agir. Fora isso que a levava até ali? Bem, se a Torre Branca não queria ou não podia fazer o que tinha de ser feito, então alguém devia fazer. De que adiantava vigiar a Praga, se o mundo para além dela de fato desmoronasse?

Ethenielle olhou para o homem esbelto que cavalgava do outro lado, as mechas brancas nas têmporas lhe emprestando um ar altivo, a Espada de Kirukan em sua bainha ornada repousando na dobra de um dos braços. Pelo menos era chamada de Espada de Kirukan, e a Rainha de Aramaelle, a guerreira mitológica, talvez a tivesse empunhado. A lâmina era antiga, e alguns diziam que fora forjada com o Poder. O punho largo encontrava-se voltado para ela, como mandava a tradição, embora ela própria não fosse tentar manusear uma espada tal qual uma saldaeana com miolos de fogo. Uma rainha devia pensar, liderar e comandar, o que ninguém conseguiria fazer enquanto tentasse cumprir um papel que qualquer soldado de seu exército cumpriria melhor.

— E você, Portador da Espada? — indagou ela. — Alguma apreensão a esta hora avançada?

Lorde Baldhere virou-se em sua sela trabalhada em ouro para dar uma espiada nos estandartes revestidos de couro e veludo bordado, carregados pelos cavaleiros que vinham logo atrás.

— Não gosto de esconder quem sou, majestade — respondeu ele, rebuscado, empertigando-se. — O mundo vai saber de nós em pouco tempo, e do que fizemos. Ou tentamos fazer. Vamos acabar mortos ou virar história, talvez as duas coisas, então melhor que eles saibam quais nomes escrever.

Baldhere tinha uma língua venenosa e fingia se importar mais com música e com suas roupas do que com qualquer outra coisa — aquele casaco azul bem cortado já era o terceiro que o homem usava só naquele dia —, mas, como no caso de Serailla, as aparências enganavam. O Portador da Espada do Trono das Nuvens tinha responsabilidades bem mais pesadas que aquela espada na bainha encrustada de joias. Desde a morte do marido, cerca de vinte anos atrás, Baldhere atuara em campo para ela, comandando os exércitos de Kandor, e a maior parte dos soldados dela o seguiria até mesmo a Shayol Ghul. O homem não era incluído entre os grandes capitães, mas sabia quando lutar e quando não, além de saber vencer.

— O ponto de encontro deve estar logo à frente — disse Serailla subitamente.

No mesmo instante, Ethenielle avistou o batedor que Baldhere despachara, um sujeito furtivo chamado Lomas, que usava um penacho de cabeça de raposa no capacete, se deter lá no alto do pico do passo logo adiante. Com sua lança inclinada, ele gesticulou com o braço o sinal de “ponto de encontro à vista”.

Baldhere deu meia-volta no pesado capão, berrou um comando para que a escolta parasse — e o homem berrava bem, quando queria — e então esporeou o cavalo baio para se aproximar de Ethenielle e Serailla. Era para ser um encontro

entre aliados de longa data, mas, ao passarem por Lomas, Balthere deu ao batedor de rosto fino uma ordem brusca para “vigiar e repassar”. Se algo desse errado, Lomas sinalizaria para que a escolta avançasse para tirar sua rainha de lá.

Ethenielle soltou um discreto suspiro quando Serailla fez um meneio de aprovação para o comando. Eram aliados de longa data, mas aqueles tempos levantavam suspeitas tal qual moscas em um monte de estrume. O que eles estavam prestes a fazer revolia o monte e fazia as moscas voarem em círculos. A sul, governantes demais haviam morrido ou desaparecido no último ano para que ela se sentisse minimamente à vontade usando uma coroa. Territórios demais haviam sido esmagados tão sumariamente quanto teriam sido por um exército de Trollocs. Esse tal al’Thor, fosse quem fosse, tinha muito pelo que responder. Muito.

Depois de Lomas, o passo dava em uma cratera rasa que talvez fosse pequena demais para ser chamada de vale, com árvores muito espaçadas para serem consideradas um matagal. Folhas-de-couro, abetos-azuis e pinheiros-de-três-agulhas ainda tinham algum verde, bem como alguns carvalhos, mas todo o resto estava marrom, quando não desfolhado. A sul, porém, via-se o que tornava aquele local uma boa opção para um encontro: um pináculo longilíneo parecido com uma pilastra brilhante de renda dourada jazia oblíquo e parcialmente enterrado na encosta estéril, pelo menos umas setenta passadas de altura se revelando acima das copas das árvores. Qualquer criança das Colinas Negras com idade suficiente para correr por conta própria sabia de sua existência, mas não havia um vilarejo sequer a menos de quatro dias de viagem e ninguém chegava a menos de dez milhas dali por livre e espontânea vontade. As histórias sobre aquele lugar falavam de visões desatinadas, de mortos andando e de morte para quem tocasse o pináculo.

Ethenielle não se considerava influenciável, mas mesmo assim sentiu um leve arrepio. Nianh dizia que o pináculo era um fragmento da Era das Lendas, e que era inofensivo. Com sorte, a Aes Sedai não teria por que se recordar daquela conversa de anos atrás. Pena que ali não se podia despertar os mortos. Rezava a lenda que Kirukan decapitara um falso Dragão com suas próprias mãos e tivera dois filhos de um outro homem que conseguia canalizar. Ou talvez fosse o mesmo homem. Talvez ela soubesse dar conta de seu dever e ainda sobreviver.

Como imaginado, o primeiro par que Ethenielle fora ali encontrar já a esperava, cada um com dois criados. Paitar Nachiman tinha muito mais rugas no rosto comprido que o deslumbrante homem mais velho que ela admirara quando garota, sem falar nos parcos cabelos, em sua maioria grisalhos. Felizmente, abrira mão da moda arafeliana de tranças e usava cabelo curto. Mesmo

assim, o homem estava empertigado na sela, os ombros sem precisar de enchimento naquele casaco de seda verde bordado, e ela sabia que ele ainda era capaz de brandir a espada que trazia à cintura com vigor e perícia. Easar Togita, de rosto quadrado e cocuruto raspado, exceto pelo topete branco, com seu casaco simples da cor de bronze antigo, era uma cabeça mais baixo que o Rei de Arafel e mais franzino, porém, mesmo assim, fazia Paitar parecer quase delicado. Easar de Shienar não fazia cara feia — se muito, seus olhos aparentavam um quê de tristeza permanente —, mas poderia ter sido forjado com o mesmo metal da espada comprida que trazia às costas. Ela confiava em ambos, e torcia para que suas conexões familiares ajudassem a resguardar essa confiança. Alianças por casamento sempre uniram as Terras da Fronteira tanto quanto a guerra contra a Praga, e ela tinha uma filha casada com o terceiro filho de Easar e um filho casado com a neta favorita de Paitar, além de um irmão e duas irmãs casados em suas Casas.

Os acompanhantes estavam tão mudados quanto seus reis. Como sempre, Ishigari Terasian parecia ter acabado de despertar de um estupor causado por um banquete e uma bebedeira, o homem mais gordo que ela já tinha visto em uma sela. Seu belo casaco vermelho estava amarrotado, os olhos, anuviados, as bochechas, com a barba por fazer. Por outro lado, Kyril Shianri, alto, esguio e quase tão elegante quanto Baldhere, apesar da poeira e do suor na cara, tinha sinos prateados no alto das botas, nas luvas e presos às tranças. Trazia no rosto sua expressão habitual de insatisfação e dava a impressão de olhar sempre com frieza sob aquele nariz proeminente para quem quer que fosse, menos para Paitar. Sob vários aspectos, Shianri era um tolo — reis arafelianos raramente tentavam fingir que davam ouvidos a conselheiros, preferindo, em vez disso, confiar em suas rainhas —, mas o sujeito era mais complexo do que aparentava à primeira vista. Agelmar Jagad parecia uma versão maior de Easar, um homem simples esculpido de pedra e aço, com vestimentas comuns, e mais armas a tiracolo do que carregava Baldhere, uma morte súbita só esperando ser solta, enquanto Alesune Chulin era tão esbelta quanto Serailla era robusta, tão bonita quanto Serailla era comum, e tão enérgica quanto Serailla era calma. Alesune parecia ter nascido para as belas sedas azuis que trajava. Era bom lembrar que julgar Serailla pela aparência também era um equívoco.

— Que a paz e a Luz estejam com você, Ethenielle de Kandor — saudou Easar com sua voz áspera quando Ethenielle parou diante deles, ao mesmo tempo que Paitar entoou:

— Que a Luz a abraçe, Ethenielle de Kandor.

Paitar ainda tinha a mesma voz que fazia o coração das mulheres bater mais forte. E uma esposa que sabia que ele era seu até o solado das botas. Ethenielle duvidava que Menuki já tivesse tido algum momento de ciúme na vida, ou razão para tal.

Ela fez cumprimentos igualmente curtos e os concluiu de forma direta:

— Espero que tenham vindo até aqui sem serem detectados.

Easar bufou e se reclinou sobre a patilha da sela, encarando-a com ar soturno. Um homem firme, mas viúvo havia onze anos e ainda enlutado. Tinha escrito poesia para a esposa. As coisas sempre iam além das aparências.

— Se tivermos sido vistos, Ethenielle, então melhor voltarmos agora mesmo — murmurou ele.

— Já está falando em voltar? — Entre o tom de voz e um movimento das rédeas com borlas, Shianri conseguiu combinar desdém com o mínimo de civilidade possível para evitar uma retaliação.

Ainda assim, Agelmar o analisou com frieza e se moveu sutilmente na sela, um homem relembando onde cada uma de suas armas se encontrava. Velhos aliados em muitas batalhas durante a Praga, mas pairavam as tais novas suspeitas.

Alesune remexeu sua montaria, uma égua cinza da altura de um cavalo de guerra. De repente, as finas mechas brancas no cabelo negro comprido pareceram penachos em um capacete, e os olhos da mulher tornavam fácil esquecer que shienaranas não treinavam com armas nem disputavam duelos. Seu título era simplesmente o de *shatayan* da família real, mas quem imaginava que a influência de qualquer *shatayan* se restringia às ordens a cozinheiras, criadas e provedores de alimentos cometia um erro grave.

— Imprudência não é coragem, Lorde Shianri. Deixamos a Praga praticamente desprotegida e, se falharmos, ou quem sabe até se tivermos sucesso, alguns de nós podem acabar com a cabeça em estacas. Talvez todos nós. A Torre Branca pode muito bem cuidar disso, se esse al'Thor não cuidar.

— A Praga parece quase adormecida — resmungou Terasian, o bigode tremelicando enquanto ele esfregava o queixo carnudo. — Nunca a vi tão calma.

— A Sombra nunca dorme — pontuou Jagad com voz baixa, e Terasian anuiu como se aquilo também fosse algo a se considerar.

Agelmar era o melhor general entre todos eles, um dos melhores do mundo, mas a posição de Terasian como braço direito de Paitar não se devia a ele ser um bom companheiro de bebedeiras.

— O contingente que deixei para trás só não protege a Praga se houver novas Guerras dos Trollocs — garantiu Ethenielle com voz firme. — E confio que todos vocês tenham feito o mesmo. Mas isso quase não faz diferença. Alguém

acredita mesmo que temos como voltar agora? — Ela fez a última pergunta em um tom seco, sem esperar resposta, mas acabou por receber.

— Voltar? — A voz estridente de uma jovem interpelou-a por trás.

Tenobia de Saldaea chegou galopando até eles e puxou as rédeas do capão branco, fazendo-o empinar com exuberância. Fileiras espessas de pérolas desciam pelas mangas cinza-escuras das suas vestes de montaria de saia estreita, e grossos bordados vermelhos e dourados circundavam-na, enfatizando a finura do quadril e o arredondado do busto. Alta para uma mulher, ela conseguia ser bonita, senão linda, apesar de um nariz que, na melhor das hipóteses, era bastante audacioso. Os grandes olhos enviesados de um azul-escuro profundo certamente ajudavam, assim como uma autoconfiança tão forte que parecia fazê-la reluzir. Como era de se esperar, a Rainha de Saldaea só estava acompanhada de Kalyan Ramsin, um de seus vários tios, um homem grisalho e cheio de cicatrizes, com rosto de águia e bigodes grossos que se curvavam ao redor da boca. Tenobia Kazadi tolerava o conselho de soldados, mas de ninguém mais.

— Eu não vou voltar — prosseguiu ela, impetuosa —, independentemente do que o restante de vocês faça. Enviei meu *querido* tio Davram para me trazer a cabeça do falso Dragão Mazrim Taim e agora tanto ele *quanto* Taim seguem esse al’Thor, se eu resolver acreditar em metade do que ouço. Tenho quase cinquenta mil homens atrás de mim e, seja qual for a decisão de vocês, *eu* não vou voltar até meu tio e al’Thor aprenderem exatamente quem manda em Saldaea.

Ethenielle trocou olhares com Seraila e Balthere, enquanto Paitar e Easar começaram a falar para Tenobia que também pretendiam seguir em frente. Seraila sacudiu bem de leve a cabeça e deu de ombros. Balthere revirou os olhos sem disfarçar. Ethenielle não chegara a desejar exatamente que Tenobia decidisse se manter afastada, mas era certo que a garota criaria dificuldades.

Os saldaeanos eram estranhos — Ethenielle se perguntara com frequência como sua irmã Einone administrava tão bem seu casamento com outro tio de Tenobia —, mas, ainda assim, a rainha levava aquela estranheza ao limite. Esperava-se ostentação de qualquer nativo de Saldaea, mas o deleite de Tenobia era chocar domaneses e fazer altaranos parecerem sem graça. O temperamento saldaeano era lendário, e o dela era um fogaréu sob uma ventania, sendo que nunca dava para saber o que provocaria a centelha. Ethenielle não queria nem pensar na dificuldade de fazer a mulher ouvir a voz da razão quando não queria. Só Davram Bashere fora capaz disso. E ainda havia a questão do casamento.

Tenobia era jovem, mesmo que já estivesse bem além da idade com que deveria ter se casado, e o casamento era um dever para qualquer membro de uma

Casa governante, mais ainda para o governante em si. Alianças precisavam ser feitas e um herdeiro, gerado, mas Ethenielle nunca havia considerado a garota para nenhum de seus filhos. Os pré-requisitos de Tenobia para um marido estavam no mesmo nível de tudo o mais nela. O pretendente devia ser capaz de encarar e ceifar uma dúzia de Myrddraal de uma vez. Enquanto tocava harpa e escrevia poesia. Devia ser capaz de confundir estudiosos enquanto descia um penhasco íngreme a cavalo. Ou subia, talvez. Claro que teria de se submeter a ela — afinal de contas, ela era uma rainha —, tirando uma ou outra ocasião em que Tenobia esperaria que o sujeito ignorasse suas palavras e a jogasse por cima do ombro. Ela queria *exatamente* isso! E que a Luz ajudasse o sujeito caso ele decidisse jogá-la sobre o ombro quando ela quisesse deferência, ou se mostrasse submisso quando ela desejasse o contrário. Ela nunca externava nada disso, mas qualquer mulher com alguma sagacidade que já a ouvira falar sobre homens podia juntar as peças sem muito esforço. Tenobia morreria solteirona. O que significava que o sucessor seria seu tio Davram, se ela o deixasse vivo depois dessa empreitada, ou o herdeiro de Davram.

Uma palavra chamou a atenção de Ethenielle e a fez se endireitar na sela. Devia estar prestando atenção. Havia muita coisa em jogo.

— Aes Sedai? — questionou ela, bruscamente. — O que é que tem as Aes Sedai?

Exceto pelas de Paitar, as conselheiras da Torre Branca de todos eles tinham ido embora tão logo correu a notícia sobre os problemas na Torre; a dela própria, Nianh, e a de Easar, Aisling, tinham sumido sem deixar vestígios. Se as Aes Sedai tivessem ouvido falar sobre os planos deles... Bem, as Aes Sedai sempre tinham seus próprios planos. Sempre. Ethenielle não gostaria de descobrir que estava metendo a mão em dois ninhos de vespa, não em um só.

Paitar deu de ombros e aparentou um leve embaraço. Aquilo não era pouco tratando-se dele, que, tal qual Seraila, não se abalava por nada.

— Você não achou realmente que eu fosse deixar Coladara para trás, Ethenielle — disse ele em um tom de voz tranquilizador —, mesmo que tivesse conseguido esconder dela os preparativos.

Ela não achara. A irmã favorita do homem era Aes Sedai, e Kiruna o fizera nutrir um carinho profundo pela Torre. Ethenielle não achara, mas tinha nutrido alguma esperança.

— Coladara recebeu visitas — continuou ele. — Sete visitantes. Dadas as circunstâncias, pareceu prudente trazê-las. Felizmente, precisaram de pouco convencimento. Nenhum, na verdade.

— Que a Luz ilumine e preserve nossas almas — sussurrou Ethenielle, ouvindo o que pareceram ecos vindos de Serailla e Baldhere. — Oito irmãs, Paitar? Oito?

Com certeza a Torre Branca já sabia de cada movimento que eles pretendiam fazer.

— E eu tenho mais cinco — acrescentou Tenobia, como se anunciasse que tinha um par de chinelos novos. — Me encontraram pouco antes de eu sair de Saldaea. Por acaso, tenho certeza, elas pareceram tão surpresas quanto eu. Assim que descobriram o que eu estava fazendo... e eu ainda não sei como elas sabiam, mas sabiam... Assim que elas descobriram, tive certeza de que sairiam correndo atrás de Memara. — Ela franziu o cenho em uma careta momentânea. Elaida errara feio o cálculo ao enviar uma irmã para tentar intimidar Tenobia. — Em vez disso, Illeisien e as outras estavam mais preocupadas com o sigilo do que eu.

— Mesmo assim — insistiu Ethenielle. — Treze irmãs. Basta que uma delas dê um jeito de mandar uma mensagem. Algumas poucas linhas. Um soldado ou uma criada intimidados. Alguém de vocês acha que poderia detê-las?

— Os dados já saíram do copo — respondeu Paitar simplesmente. O que estava feito, feito estava. Na visão de Ethenielle, arafelianos eram quase tão esquisitos quanto saldaeanos.

— Mais ao sul, pode ser bom ter treze Aes Sedai conosco — acrescentou Easar. Com a frase, veio o silêncio, e as implicações daquilo ficaram no ar. Ninguém quis expô-las. Aquilo era bem diferente de encarar a Praga.

De repente, Tenobia soltou uma gargalhada escandalosa. Seu capão tentou se agitar, mas ela o tranquilizou.

— Pretendo rumar para o sul o mais rápido possível, mas convido todos vocês para um jantar hoje em meu acampamento. Podem falar com Illeisien e as amigas dela para ver se o julgamento de vocês bate com o meu. Quem sabe amanhã à noite possamos todos nos reunir no acampamento de Paitar e interrogar as amigas de Coladara. — A sugestão foi tão sensata, tão claramente necessária, que todos concordaram de imediato. E então Tenobia complementou, como que pensando melhor: — Meu tio Kalyan ficaria honrado se você permitisse que ele se sentasse ao seu lado hoje à noite, Ethenielle. Ele a admira bastante.

Ethenielle deu uma olhadela na direção de Kalyan Ramsin, que parara seu cavalo discretamente atrás de Tenobia e não dera uma palavra, mal parecendo respirar. Ela apenas o encarou e, por um instante, aquela águia grisalha devolveu

seu olhar. Por um instante, ela viu algo que não via desde que seu Brys morrera: um homem olhando não para uma rainha, mas para uma mulher. O choque daquela cena foi um golpe que lhe tirou o fôlego. Os olhos de Tenobia saltaram de seu tio para Ethenielle, seu sorrisinho satisfeito.

Ethenielle ficou indignada. Aquele sorriso deixava tudo claro como água de nascente, apesar de os olhos de Kalyan já terem deixado. Aquela garotinha pensava casar aquele sujeito com *ela*? Uma *criança* ousava...? De repente, a fúria deu lugar à tristeza. Ela mesma era ainda mais jovem quando arranhou o casamento de sua irmã viúva, Nazelle. Uma questão de Estado, ainda que Nazelle tivesse vindo a amar Lorde Ismic, apesar de todas as reclamações iniciais. Fazia tanto tempo que Ethenielle vinha arranjando casamentos para os outros, que nunca parara para pensar que seu próprio casamento criaria um laço muito forte. Ela voltou a fitar Kalyan, um olhar mais demorado. O rosto enrugado do homem voltara a demonstrar puro respeito, mas ela ainda via o olhar de antes. Qualquer consorte que viesse a escolher teria de ser um homem firme, mas ela sempre pedira uma chance para o amor nos casamentos de seus filhos, quando não nos dos irmãos, e não pediria menos para si mesma.

— Em vez de desperdiçar a luz do dia com conversa — disse ela, mais sem fôlego do que gostaria —, vamos fazer o que viemos fazer.

Que a Luz a queimasse, ela era mulher-feita, não uma garota conhecendo um possível pretendente pela primeira vez.

— E então? — questionou. Dessa vez, seu tom de voz foi adequadamente resolutivo.

Todos os acordos tinham sido feitos por meio daquelas cartas cuidadosas, e todos os planos teriam de ser modificados à medida que eles rumassem para o sul e as circunstâncias fossem mudando. Aquela reunião só tinha um único verdadeiro propósito, uma cerimônia simples e antiga das Terras da Fronteira que só fora registrada sete vezes em todos os anos desde a Ruptura. Uma cerimônia simples que os comprometeria mais do que quaisquer palavras poderiam, por mais fortes que fossem. Os governantes aproximaram seus cavalos, enquanto os demais recuavam.

Ethenielle sibilou quando sua faca de cinta lhe rasgou a palma da mão esquerda. Tenobia riu ao cortar a dela. Paitar e Easar pareciam estar apenas tirando farpas. Quatro mãos se estenderam, se encontraram e se apertaram, o sangue pulsante se misturando, gotejando no chão, sendo absorvido pela terra pedregosa.

— Somos um só, até a morte — proclamou Easar, e todos repetiram.

— Somos um só, até a morte.

Pelo sangue e pelo solo, eles estavam comprometidos. Agora tinham de encontrar Rand al'Thor. E fazer o que tinha de ser feito. Fosse qual fosse o preço.

Tão logo se certificou de que Turanna conseguia se sentar na almofada por conta própria, Verin se levantou e deixou a abatida irmã Branca bebericando água. Tentando bebericar, pelo menos. Os dentes de Turanna batiam no copo prateado, o que não era nenhuma surpresa. A entrada da tenda era baixa o bastante para que Verin tivesse de se abaixar para pôr a cabeça para fora. A fadiga lhe incomodou as costas quando se curvou. Não tinha medo da mulher que tremia atrás dela em um robe grosseiro de lã preta. Verin a blindara com firmeza e duvidava que Turanna possuísse força suficiente nas pernas naquele momento para cogitar a ideia de pular nela pelas costas, mesmo que essa ideia incrível lhe ocorresse. As Brancas simplesmente não pensavam daquela maneira. Aliás, na condição em que Turanna estava, era de se duvidar que fosse capaz de canalizar um fiapo sequer nas próximas horas, ainda que não estivesse blindada.

O acampamento Aiel cobria as colinas que escondiam Cairhien, tendas cor de terra baixas preenchendo os espaços entre as poucas árvores que restavam de pé tão perto da cidade. Nuvens tênues de poeira pairavam no ar, mas nem a poeira nem o calor nem o brilho de um sol raivoso incomodavam minimamente os Aiel. O burburinho e a determinação tomavam conta do acampamento e o deixavam igual a qualquer cidade. À vista dela, havia homens abatendo caças e remendando tendas, afiando facas e fabricando as botas macias que todos usavam, mulheres cozinhando em fogueiras, assando, manuseando pequenos teares, cuidando de algumas das poucas crianças no acampamento. Por todo lado, *gai'shain* com seus robes brancos passavam a toda carregando fardos, batiam tapetes ou cuidavam de mulas e animais de carga. Não havia mascates nem comerciantes. Tampouco carroças e carruagens, claro. Uma cidade? Estava mais para mil vilarejos reunidos no mesmo lugar, ainda que houvesse muito mais homens do que mulheres e, exceto pelos ferreiros com suas bigornas ressoando, ainda que quase todos os homens que não trajavam branco estivessem armados. A maior parte das mulheres também.

Os números sem dúvida rivalizavam com os de uma das grandes cidades, mais que o suficiente para envelopar por completo umas poucas Aes Sedai prisioneiras, mas ainda assim Verin avistou uma mulher de robe preto se arrastando a menos de cinquenta passadas, lutando para puxar uma pilha de pedras na altura da cintura amontoadas atrás dela em um pedaço de couro. O capuz profundo escondia seu rosto, mas ninguém no acampamento, a não ser as irmãs cativas,

trajava aqueles robes pretos. Uma Sábia caminhava junto ao couro, reluzindo com o Poder enquanto blindava a prisioneira, ao mesmo tempo em que um par de Donzelas flanqueava a irmã e usava chibatas para incitá-la toda vez que ela fraquejava. Verin se perguntou se devia presenciar aquilo. Naquela mesma manhã, passara por Coiren Saeldain e vira seu olhar apavorado, o suor escorrendo pelo rosto, com uma Sábia e dois Aiel altos escoltando-a enquanto carregava um cesto grande cheio de areia que lhe curvava, cambaleando para subir um aclave. Na véspera, havia sido Sarene Nemdahl. Eles a puseram para passar certa quantidade de água de um balde de couro para outro bem ao lado, chicoteavam-na para que ela o fizesse mais depressa, e então tornavam a chicotear a cada gota perdida, sendo que a água derramava exatamente por lhe darem chibatadas para que trabalhasse mais rápido. Sarene roubara alguns instantes para perguntar a Verin o motivo daquilo, embora não parecesse esperar alguma resposta. Verin por certo não fora capaz de lhe fornecer uma antes de as Donzelas reconduzirem Sarene para seu trabalho inútil.

Ela conteve um suspiro. Para começar, não tinha como gostar de ver as irmãs serem tratadas daquela maneira, quaisquer que fossem os motivos ou a necessidade, e, além disso, era óbvio que um número considerável de Sábias queria... O quê? Que ela soubesse que ser Aes Sedai não valia nada ali? Ridículo. Isso já tinha ficado absolutamente claro dias atrás. Que ela também poderia ser enfiada em um robe preto, talvez? Por ora, acreditava estar livre disso, pelo menos, mas as Sábias escondiam diversos segredos que ela ainda precisava decifrar, sendo o menor deles a forma como sua hierarquia funcionava. Com certeza o menor deles, ainda que sua vida e sua pele intacta estivessem embrulhados nesse segredo. As mulheres que davam comandos às vezes os recebiam das mesmas mulheres a quem antes comandaram, e depois disso se invertia de novo, sempre sem nenhuma explicação ou razão lógica que ela conseguisse identificar. Nenhuma delas, no entanto, dava ordens a Sorilea, e era aí que podia estar a segurança. Algum tipo de segurança.

Ela não pôde conter uma súbita satisfação. Naquela mesma manhã, mais cedo, no Palácio do Sol, Sorilea exigira saber o que deixava os aguacentos mais envergonhados. Kiruna e as outras irmãs não entenderam; não se esforçaram de fato para ver o que estava acontecendo ali, talvez por medo do que pudessem descobrir, temendo o peso que aquele conhecimento colocaria sobre seus juramentos. Elas ainda se esforçavam para justificar terem tomado o caminho que o destino as obrigara a tomar, mas Verin já tinha motivos para o caminho que seguiu, e um propósito. Também trazia uma lista na bolsa, pronta para entregar a

Sorilea quando as duas estivessem sozinhas. Não era preciso informar as outras. Algumas das prisioneiras, ela nunca conhecera, mas achava que, no caso da maioria das mulheres, aquela lista resumia as fraquezas que Sorilea buscava. A vida ficaria bem mais difícil para as mulheres de preto. E seus próprios esforços, com sorte, seriam muitíssimo ajudados.

Dois imensos Aiel, cada qual com ombros tão largos quanto o comprimento de um cabo de machado, encontravam-se sentados bem à entrada da tenda, aparentemente absortos em uma partida de cama de gato, mas olharam em volta tão logo a cabeça dela surgiu pela passagem. Mesmo com todo o seu tamanho, Coram se pôs de pé feito uma cobra se desenrolando, e Mendan só esperou o suficiente para guardar o barbante. Caso estivesse de pé, sua cabeça mal bateria no peito deles. Claro que poderia virá-los de ponta-cabeça e lhes dar umas palmadas. Se ousasse. De tempos em tempos, ficava tentada. Os homens tinham sido designados seus guias, sua proteção contra mal-entendidos no acampamento. E, sem dúvida, reportavam tudo que ela dizia ou fazia. De certa forma, ela teria preferido que Tomas estivesse ali, mas por pouco. Guardar segredo de seu Guardiã era bem mais difícil que guardá-lo de estranhos.

— Por favor, avise para Colinda que já terminei com Turanna Norill — disse ela a Coram —, e peça para ela mandar Katerine Alruddin aqui.

Sua intenção era encarar primeiro as irmãs que não tinham Guardiões. O Aiel assentiu uma vez antes de obedecer sem falar nada. Aqueles dois Aiel não eram muito chegados à civilidade.

Mendan se acocorou e ficou observando-a com seus chamativos olhos azuis. Um dos dois sempre ficava com ela, independentemente do que Verin dissesse. Uma faixa de tecido vermelha estava amarrada na têmpora de Mendan e trazia marcado o antigo símbolo das Aes Sedai. Assim como os outros homens que usavam o objeto, e assim como as Donzelas, ele parecia estar só esperando que ela cometesse algum erro. Bem, eles não eram os primeiros e estavam muito longe de ser os mais perigosos. Setenta e um anos haviam se passado desde a última vez que ela cometera um erro grave.

Verin abriu um sorriso deliberadamente vago para Mendan e fez menção de voltar para dentro da tenda, quando, de repente, algo chamou sua atenção e a travou por completo. Se o Aiel tivesse tentado lhe cortar a garganta naquele exato instante, talvez ela nem percebesse.

Não muito longe de onde ela estava abaixada na entrada da tenda, nove ou dez mulheres estavam ajoelhadas em fila e rolavam os mós de moendas manuais de pedra lisa da mesma maneira que se fazia em qualquer fazenda isolada.

Outras mulheres traziam grãos dentro de cestos e levavam embora aquela farinha grosseira. As nove ou dez ajoelhadas trajavam saias escuras e blusas claras, lenços dobrados prendendo-lhes o cabelo. Uma, notadamente mais baixa que as demais, a única cujo cabelo não descia até a cintura ou mais além, não usava um colar ou bracelete sequer. Ela levantou os olhos, o ressentimento no rosto rosado pelo sol se acentuando ao cruzar o olhar com Verin. Só por um breve instante, no entanto, antes que ela se encolhesse apressada à sua tarefa.

Verin recuou para dentro da tenda, o estômago se revirando, embrulhado. Irgain era da Ajah Verde. Ou melhor, tinha sido, até Rand al'Thor estancá-la. Estar blindada atenuava e confundia o elo com seu Guardião, mas o estancamento o quebrava tal qual a morte. Um dos dois Guardiões de Irgain aparentemente tinha caído morto com o choque e o outro morrera tentando matar milhares de Aiel sem fazer o menor esforço para escapar. Era muito provável que Irgain desejasse também ter morrido. Estancada... Verin pressionou as mãos contra o peito. *Não vomitaria.* Já tinha visto coisas piores que uma mulher estancada. Bem piores.

— Não há esperança, não é? — murmurou Turanna com voz áspera. Chorava em silêncio, olhando fixamente para o copo prateado em suas mãos trêmulas e vendo algo longínquo e aterrorizante. — Não há esperança.

— Sempre tem algum jeito, basta você procurar — rebateu Verin, dando tapinhas distraídos no ombro da mulher. — Tem que procurar sempre.

Seus pensamentos fluíam a mil, e nenhum deles passava por Turanna. A Luz sabia que o estancamento de Irgain fazia sua barriga parecer entupida de gordura rançosa. Mas o que aquela mulher fazia moendo grãos? E vestida como uma Aiel! Será que a tinham colocado para trabalhar exatamente ali só para que Verin a visse? Pergunta tola. Mesmo com um *ta'veren* tão forte quanto Rand al'Thor a umas poucas milhas, havia certo limite para o número de coincidências que ela aceitaria. Será que tinha calculado mal? Na pior das hipóteses, não tinha como ser um erro tão grande. Só que pequenos erros por vezes se provavam tão fatais quanto os grandes. Quanto tempo ela resistiria, se Sorilea decidisse acabar com ela? Um tempo angustiantemente curto, suspeitava. Em certos aspectos, Sorilea era tão dura quanto qualquer outra pessoa que ela já conhecera. E nada do que ela pudesse dizer a impediria. Uma preocupação para outro dia. Não havia por que se precipitar.

Ajoelhando-se, ela fez um pequeno esforço para consolar Turanna, mas não muito. Palavras de conforto que soaram tão vazias para ela quanto para a outra mulher, a se julgar pelo desamparo em seus olhos. Nada poderia mudar as

circunstâncias de Turanna, só ela mesma, e isso teria que vir de dentro dela. A irmã Branca apenas chorou mais intensamente, sem fazer nenhum barulho, enquanto os ombros tremiam, as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. A chegada de duas Sábias e um par de jovens Aiel que não conseguiam ficar de pé no interior da tenda foi quase um alívio. Para Verin, no caso. Ela se levantou e fez uma medida polida, mas ninguém ali estava minimamente interessado nela.

Daviena era uma mulher de olhos verdes e cabelo ruivo-alourado, Losaine tinha olhos cinzentos e um cabelo negro que só ao sol revelava lampejos ruivos, ambas muito mais altas que ela, ambas ostentando semblantes de mulheres incumbidas de uma tarefa ingrata, que desejavam a outra pessoa. Nenhuma das duas canalizava com força suficiente para ter certeza de que daria conta de Turanna sozinha, mas estavam unidas como se tivessem acostumadas a formar círculos a vida inteira, a luz de *saidar* em torno de uma dando a impressão de se fundir com a da outra, apesar de estarem afastadas. Verin se forçou a abrir um sorriso para não franzir o rosto. Onde elas *tinham* aprendido aquilo? Teria apostado tudo que tinha que, poucos dias antes, as duas mulheres não sabiam se unir daquele jeito.

Em seguida, tudo correu rápido e de forma tranquila. Quando os dois homens abaixados pegaram-na pelos braços e a puseram de pé, Turanna deixou o copo prateado cair. Vazio, para a sorte dela. Ela não resistiu, no que fez muito bem, tendo em vista que qualquer um dos dois poderia tê-la levado embora debaixo do braço feito uma saca de grãos, mas ela estava de boca aberta e deixava escapar um lamento mudo. Os Aiel não deram a mínima. Daviena, concentrando-se no círculo, assumiu a blindagem, e Verin largou a Fonte por completo. Nenhuma das duas confiava nela o bastante para deixá-la agarrar *saidar* sem um motivo claro, não importava que juramentos ela tivesse feito. Nenhuma das duas pareceu notar, mas certamente notariam caso ela tivesse se mantido agarrada ao Poder. Os homens carregaram Turanna para fora, os pés descalços se arrastando pelos tapetes sobrepostos que formavam o piso da tenda, e as Sábias os seguiram. E foi isso. O que podia ser feito com Turanna tinha sido feito.

Verin deixou escapar um longo suspiro e se deixou cair em uma das coloridas almofadas com borlas. Uma bela bandeja dourada de cordame repousava nos tapetes ao lado. Ela encheu um dos copos prateados de um cântaro de estanho e bebeu com gosto. Um trabalho que dava sede, e que era cansativo. Restavam algumas horas de luz do dia, mas ela se sentia como se tivesse carregado um baú pesado por vinte milhas. Colina acima. O copo voltou para a bandeja e ela pôs o caderninho com capa de couro de trás do cinto. Sempre demoravam um

pouquinho para buscar quem ela mandava trazer. Alguns momentos para examinar suas anotações — e fazer outras — viriam bem a calhar.

Não havia necessidade de fazer anotações sobre as prisioneiras, mas a aparição súbita de Cadsuane Melaidhrin, três dias antes, era motivo de preocupação. *Do que Cadsuane estava atrás?* As acompanhantes da mulher podiam ser desprezadas, mas Cadsuane era uma lenda, e até as partes críveis da lenda tornavam-na realmente perigosíssima. Perigosa e imprevisível. Verin sacou uma caneta do estojo de madeira que sempre levava consigo e a esticou na direção do tinteiro ali dentro. Então uma outra Sábia adentrou a tenda.

Verin se apressou tanto para ficar de pé que deixou o caderno cair. Aeron não conseguia canalizar, mas Verin fez uma reverência bem mais solene para a mulher grisalha do que havia feito para Daviena e Losaine. Quando se inclinou para a mesura, soltou as saias para apanhar o livreto, mas os dedos de Aeron chegaram primeiro. Verin se endireitou e, com toda a calma, observou a mulher mais alta correr o polegar pelas páginas.

Olhos azuis como o céu encontraram os dela. Um céu de inverno.

— Alguns desenhos bem bonitos e bastante informação sobre plantas e flores — pontuou Aeron com frieza. — Não vejo nada a respeito das perguntas que mandaram você fazer. — Ela mais empurrou o caderno para Verin do que entregou.

— Obrigada, Sábia — disse Verin em um tom humilde, enfiando o livreto de volta na segurança de seu cinto. E, só por precaução, fez mais uma reverência, tão solene quanto a primeira. — Tenho o hábito de tomar nota de tudo que vejo.

Um dia, ela teria de transcrever a criptografia que usava em seus cadernos, já que passara a vida inteira escrevendo vários deles, que agora ocupavam prateleiras e baús em seus aposentos acima da biblioteca da Torre Branca. Um dia, que ela esperava não ser logo.

— Quanto às... hum... prisioneiras, até agora só contaram variações da mesma história. Que o *Car'a'carn* deveria ser abrigado na Torre até a última Batalha. Que os... hum... maus-tratos a ele... começaram por conta de uma tentativa de fuga. Mas claro que você já sabe disso. Não tema, tenho certeza de que vou descobrir mais coisas.

Tudo verdade, ainda que não toda a verdade. Ela já tinha visto muitas irmãs morrerem para correr o risco de mandar outras para o túmulo sem ter um motivo muito bom. O problema era decidir o que poderia causar esse risco. A maneira como o jovem al'Thor foi raptado, por uma comitiva que supostamente negociava com ele, deixou os Aiel com sede de sangue, mas o que ela chamava de “maus-tratos” mal chegara a irritá-los, até onde ela sabia.

Braceletes de ouro e marfim retiniram com delicadeza quando Aeron ajustou o xale escuro. A mulher a encarava de cima como se tentasse ler os pensamentos de Verin. Aeron aparentava fazer parte do alto escalão das Sábias, e ainda que Verin já tivesse visto alguns sorrisos enrugarem aquelas bochechas morenas, sorrisos fáceis e calorosos, nunca eram direcionados a uma Aes Sedai. *Nunca suspeitamos que seriam vocês a fracassar*, dissera ela a Verin de forma um tanto obscura. O restante, porém, não tivera nada de nebuloso. *As Aes Sedai não têm honra. Me cause um fiozinho de suspeita e eu bato em você com uma cinta, com minhas próprias mãos, até você não aguentar mais ficar de pé. Me cause dois fiozinhos e eu enfio você em uma estaca para os abutres e as formigas.* Verin encarou a mulher, tentando parecer sincera. E humilde. Não podia se esquecer de ser humilde. Dócil e subserviente. Ela não estava com medo. Ao longo da vida, já encarara olhares mais severos, de mulheres — e homens — que não tinham nem sequer a nesga de escrúpulo que Aeron demonstrava quanto a acabar com a vida dela. Mas tinha feito uma boa dose de esforço para conseguir ser enviada para fazer aquelas perguntas. Ela não podia se dar ao luxo de desperdiçar isso àquela altura. Se ao menos aqueles Aiel deixassem transparecer mais em seus rostos...

De maneira abrupta, Verin se deu conta de que as duas não estavam mais sozinhas na tenda. Duas Donzelas de cabelo claro haviam adentrado com uma mulher de robe preto um palmo mais baixa que elas, que as duas praticamente precisavam segurar de pé. De um lado estava Tialin, uma ruiva magrela com uma expressão soturna por trás da luz de *saidar*, blindando a prisioneira de robe preto. O cabelo enopado de suor da irmã pendia em cachos até os ombros e tinha mechas grudadas no rosto tão empoeirado que Verin, de início, não a reconheceu. Maçãs do rosto altas, mas não muito, um nariz com uma sutil nuance aquilina, e olhos castanhos levemente oblíquos... Beldeine. Beldeine Nyrām. Tinha sido instrutora da garota em algumas aulas para noviças.

— Se me permitem uma pergunta — disse ela com cuidado —, por que a trouxeram? Eu tinha pedido outra.

Beldeine não possuía Guardião, apesar de ser Verde. Tinha sido elevada ao xale havia meros três anos, e as Verdes costumavam ser especialmente exigentes com seu primeiro. Contudo, se eles comessem a trazer quem bem escolhessem, a próxima poderia ter dois ou três Guardiões. Verin achava que podia dar conta de mais duas ainda naquele dia, mas não se tivessem sequer um único Guardião. E duvidava que lhe dariam uma segunda chance com qualquer uma delas.

— Katerine Alruddin escapou ontem à noite. — Tialin quase cuspiu, e Verin *arfou*.

— Vocês a deixaram *escapar*? — disse ela sem pensar. O cansaço não era desculpa, mas as palavras saltaram de sua língua antes que pudesse contê-las. — Como puderam ser tão descuidados? Ela é Vermelha! E nem covarde nem fraca com o Poder! O *Car'a'carn* pode estar em perigo! Por que não fomos avisadas assim que aconteceu?

— Só ficamos sabendo hoje de manhã — grunhiu uma das Donzelas. Os olhos da mulher pareciam safiras polidas. — Uma Sábia e dois *Cor Darei* foram envenenados e o *gai'shain* que levou a bebida para eles foi encontrado com um talho na garganta.

Aeron arqueou uma das sobrancelhas para a Donzela com toda a frieza.

— Ela falou com você, Carahuin?

De repente, as duas Donzelas ficaram entretidas com a tarefa de manter Beldeine de pé. Aeron olhou apenas de relance para Tialin, mas a Sábia ruiva baixou a cabeça. Então ela voltou sua atenção para Verin.

— Sua preocupação com Rand al'Thor... a honra — disse Aeron, com má vontade. — Ele será protegido. Você não precisa saber de mais nada. Nem do que já soube. — Em uma mudança abrupta, seu tom de voz endureceu. — Mas aprendizes não se dirigem a Sábias nesse tom de voz, Verin Mathwin *Aes Sedai*. — As últimas palavras saíram com desdém.

Verin abafou um suspiro e tratou de fazer mais uma profunda medida, parte dela desejando ainda estar tão magra quanto estivera quando chegou à Torre Branca. Ela não fora exatamente moldada para tantas flexões e reverências.

— Me perdoe, Sábia — respondeu, humilde. Escapou! As circunstâncias tornavam tudo claro, se não para os Aiel, para ela. — A apreensão deve ter desregulado meu bom senso. — Pena ela não ter como garantir que Katherine sofresse um acidente fatal. — Vou fazer o possível para me lembrar disso no futuro. — Nem sequer o tremer de um cílio indicou se Aeron havia aceitado suas palavras. — Posso assumir a blindagem dela, Sábia?

Aeron aquiesceu sem olhar para Tialin, e Verin tratou de abraçar a Fonte e apanhar a blindagem que Tialin soltou. Ela nunca deixava de se surpreender com o fato de mulheres que não conseguiam canalizar poderem dar ordens tão livremente a mulheres que conseguiam. Tialin não era tão mais fraca que Verin com o Poder, mas ficava observando Aeron praticamente com a mesma cautela das Donzelas, e quando as Donzelas saíram apressadas da tenda após um gesto de Aeron, deixando Beldeine cambaleando onde estava, Tialin também saiu um mero passo atrás.

Aeron, no entanto, não se foi, não de imediato.

— Você não vai falar de Katerine Alruddin para o *Car'a'carn* — advertiu ela.  
— Ele já tem preocupações suficientes e não precisa pensar nessas bobagens.

— Não vou falar nada para ele a respeito dela — Verin tratou de concordar.  
Bobagens? Uma Vermelha com a força de Katerine não era bobagem. Talvez valesse uma anotação. Exigia reflexão.

— Trate de controlar a língua, Verin Mathwin, ou vai usá-la para berrar.  
Parecia não haver o que responder, e Verin se concentrou na humildade e na docilidade e fez mais uma reverência. Seus joelhos queriam gemer.

Tão logo Aeron se foi, Verin se permitiu um suspiro de alívio. Temera que a mulher quisesse permanecer. Obter a permissão para ficar sozinha com as prisioneiras exigira quase tanto esforço quanto fazer Sorilea e Amys decidirem que elas precisavam ser interrogadas, e por alguém familiarizada com a Torre Branca. Se elas descobrissem que tinham sido levadas a tomar essa decisão... Era uma preocupação para outro dia. Verin parecia estar acumulando uma porção delas.

— Tem água suficiente pelo menos para lavar seu rosto e suas mãos — falou para Beldeine em um tom ameno. — E, se você quiser, posso Curar você.

Todas as irmãs que ela entrevistara tinham apresentado pelo menos algumas marcas de chibatadas. Os Aiel não batiam em prisioneiros, exceto quando eles derramavam água ou se recusavam a realizar alguma tarefa — mesmo as palavras mais insolentes de rebeldia rendiam apenas uma gargalhada de desprezo, se tanto —, mas as mulheres de robe preto eram pastoreadas feito animais, uma batinha com a chibata para seguir em frente, virar ou parar, e uma batida mais forte caso elas não obedecessem rápido o bastante. Curar também facilitava outras coisas.

Imunda, suada e cambaleando feito um bambu ao vento, Beldeine franziu os lábios.

— Prefiro sangrar até a morte do que ser Curada por você. Talvez eu devesse ter esperado ver você se humilhando para essas bravias, essas selvagens, mas nunca pensei que se rebaixaria a ponto de revelar os segredos da Torre! Isso é traição, Verin! Com direito a rebelião! — Ela grunhiu com desdém. — Suponho que se isso não a deteve, nada deterá! O que mais você e as outras ensinaram para elas, além de se unir?

Irritada, Verin estalou a língua sem se dar ao trabalho de corrigir a jovem. Estava com o pescoço dolorido de tanto levantar a vista para os Aiel — aliás, até Beldeine tinha um palmo ou mais de altura que ela — e os joelhos doíam das reverências, sem falar que muitíssimas mulheres que deveriam ter mais juízo haviam lhe dirigido um desdém cego e um orgulho tolo naquele dia. Quem

melhor que uma Aes Sedai para saber que uma irmã tinha de ter muitas caras no mundo? Nem sempre dava para impressionar as pessoas nem sair metendo a mão na cara delas. Além do mais, era bem melhor se comportar como uma noiva do que ser punida como tal, especialmente quando isso só rendia dor e humilhação. Até Kiruna acabaria entendendo como aquilo fazia sentido.

— Sente-se, antes que você caia — disse ela, seguindo a própria sugestão. — Deixe-me ver se adivinho o que você andou fazendo hoje. Com toda essa sujeira, diria que você cavou um buraco. Foi só com as mãos mesmo ou deixaram você usar uma colher? Quando eles decidirem que está bom, vão mandar você encher de novo, sabia? Agora vamos ver... Até onde vejo, você está toda imunda, mas o robe está limpo, então imagino que tenham feito você cavar nua. Tem certeza de que não quer a Cura? Queimaduras de sol podem doer bastante. — Ela encheu outro copo de água e o fez flutuar por toda a tenda em um fluxo de Ar até deixá-lo pairando à frente de Beldeine. — Você deve estar com a garganta seca.

A jovem Verde encarou cambaleante o copo por um momento, e então, de repente, suas pernas cederam, ela desabou em uma almofada e soltou uma risada amarga.

— Eles... vivem *me dando água*. — Ela tornou a gargalhar, apesar de Verin não ver a graça. — Quanto eu quiser, desde que tome tudo. — Examinando Verin com raiva, ela fez uma pausa e depois prosseguiu com uma voz tensa: — Esse vestido fica muito bonito em você. Queimaram o meu, eu vi. Roubaram tudo, menos isso. — Ela tocou a Grande Serpente dourada que lhe envolvia o indicador esquerdo, um brilho de ouro em meio à sujeira. — Imagino que não tenham tido coragem suficiente para isso. Sei o que estão tentando fazer, Verin, e não vai dar certo. Nem comigo nem com nenhuma de nós!

Ela ainda estava com a guarda alta. Verin pousou o copo no tapete florido ao lado de Beldeine e então apanhou o seu para dar um golinho antes de falar.

— Ah, é? E o que eles estão tentando fazer?

Desta vez, a gargalhada da outra mulher saiu rouca e tensa.

— Arrasar a todas nós, e você sabe disso! Nos obrigar a fazer juras a al'Thor, como você fez. Ah, Verin, como pôde? Jurar fidelidade! E pior, a um *homem*, a *ele*! Mesmo que você tivesse a audácia de se rebelar contra o Trono de Amyrlin, contra a Torre Branca... — Ela fez as duas coisas parecerem iguais. — Como foi capaz de fazer *isso*?

Por um momento, Verin se perguntou se a situação estaria melhor se as mulheres agora presas no acampamento Aiel tivessem sido capturadas, como ela

fora, uma lasca de madeira no fluxo do redemoinho de *ta'veren* de Rand al'Thor, as palavras lhe saindo da boca antes que ela tivesse tempo de formulá-las no cérebro. Não foram palavras que ela jamais teria dito por conta própria — não era assim que os *ta'veren* afetavam as pessoas —, mas palavras que ela tinha uma chance em mil de ter dito naquelas circunstâncias, ou uma chance em dez mil. Não, as discussões sobre se juramentos feitos daquela forma precisavam ou não ser honrados tinham sido longas e acaloradas, e as discussões a respeito de como cumpri-los ainda ocorriam. Muito melhor assim. Distraída, ela correu os dedos por um objeto rígido dentro de sua bolsa, um pequeno broche, uma pedra translúcida entalhada no que parecia ser um lírio com pétalas demais. Ela nunca o tinha usado, mas jamais estivera fora do seu alcance em quase cinquenta anos.

— Você é *da'tsang*, Beldeine. Já deve ter ouvido isso. — Ela não precisava do assentimento rude de Beldeine. Informar sua condição de desprezível fazia parte da lei Aiel, como dar uma sentença. Isso ela sabia, ainda que muito pouco mais. — Suas roupas e qualquer outra coisa que fosse possível queimar foram incendiadas porque Aiel nenhum ficaria com qualquer objeto que tenha pertencido a um *da'tsang*. O resto foi feito em pedacinhos ou virou sucata a marteladas, inclusive as joias que você usava, e enterrado em uma fossa escavada para servir de latrina.

— Meu...? Meu cavalo? — perguntou Beldeine, ansiosa.

— Não mataram os cavalos, mas não sei onde está o seu.

Servindo de montaria para alguém da cidade, provavelmente, ou quem sabe tivesse sido dado aos Asha'man. Dizer isso a ela poderia fazer mais mal do que bem. Verin pensava se recordar que Beldeine era uma daquelas jovens que nutriam sentimentos muito profundos por cavalos.

— Deixaram você ficar com o anel para se lembrar de quem é e aumentar sua vergonha. Não sei se deixariam você jurar lealdade ao Mestre al'Thor nem se implorasse. Seria preciso algo incrível da sua parte, eu acho.

— Eu não vou jurar! Nunca! — As palavras, porém, soaram vazias, e os ombros de Beldeine afundaram. Ela estava abalada, mas não o suficiente.

Verin abriu um sorriso tranquilo. Um sujeito dissera a ela uma vez que aquele sorriso o fazia se lembrar de sua querida mãe. Ela esperava que ao menos sobre isso ele não tivesse mentido. Pouco depois, o homem tentara atravessar uma adaga entre suas costelas, e aquele sorriso tinha sido a última coisa que ele viu.

— Não consigo imaginar por que você juraria. Não, receio que você tem apenas trabalhos inúteis pela frente. Isso, para eles, é vergonhoso. Muito vergonhoso. Claro que, se eles perceberem que você não vê dessa maneira... Nossa!

Aposto que você não gostou nada de cavar sem roupa, mesmo tendo as Donzelas como guardas, mas imagine algo como, digamos, ficar daquele jeito em uma tenda cheia de homens... — Beldeine se encolheu. Verin continuou tagarelando. Tinha desenvolvido sua tagarelice quase ao nível de um Talento. — Só deixariam você lá parada, claro. *Da'tsang* não têm permissão para fazer nada útil, a menos que haja extrema necessidade, sem falar que um Aiel preferiria abraçar uma carcaça em putrefação do que... Bem, não é muito agradável imaginar isso, certo? De todo modo, é o que você deve esperar. Sei que vai resistir o quanto puder, embora eu não saiba direito a quê. Eles não vão tentar arrancar informações de você nem fazer nada que se costuma fazer com prisioneiros. Mas não vão liberá-la jamais, até terem certeza de que sua vergonha é tão profunda que não lhe restou mais nada. Mesmo que leve o resto da sua vida.

Os lábios de Beldeine se moveram sem emitir som, mas deu para compreender muito bem. *O resto da minha vida*. Movendo-se desconfortavelmente na almofada, ela fez uma careta. Queimaduras de sol, chibatadas ou simplesmente a dor de um trabalho pouco usual.

— Nós seremos resgatadas — disse ela, por fim. — A Amyrlin não vai nos abandonar... Ou seremos resgatadas ou... Nós *seremos* resgatadas!

Apanhando o copo prateado ao seu lado, ela inclinou a cabeça para trás para beber até esvaziá-lo e então o esticou para pedir mais. Verin flutuou o cântaro de estanho até lá e o pousou de modo que a jovem tivesse como se servir sozinha.

— Ou você vai fugir? — indagou Verin, no que as mãos sujas de Beldeine deram um solavanco e derramaram água pelas laterais do copo. — Olha, é sério. Você tem tanta chance de fugir quanto de ser resgatada. Está cercada por um exército Aiel. E, ao que parece, al'Thor pode convocar algumas centenas daqueles Asha'man quando bem entender só para caçar você. — A outra mulher estremeceu ao ouvir aquilo e Verin quase tremeu também. Aquela pequena confusão deveria ter sido resolvida logo no começo. — Não, temo que você tenha que resolver sua vida sozinha. Encarar as coisas como são. Você está sozinha nessa. Sei que não deixam você falar com as outras. Está sozinha mesmo. — Ela suspirou. Olhos arregalados encaravam-na como se estivessem diante de uma víbora vermelha. — Não precisa piorar uma situação ruim. Me deixe Curar você.

Ela mal esperou o meneio lamurioso da outra mulher e foi logo se ajoelhando ao lado de Beldeine e colocando as mãos na cabeça dela. A jovem já estava quase tão pronta quanto era possível. Abrindo-se para mais *saidar*, Verin teceu os fluxos da Cura, e a Verde arfou e estremeceu. O copo pela metade caiu de suas mãos e um movimento de braço fez o cântaro tombar. Agora, sim, ela *estava* pronta.

Nos momentos de confusão que tomavam qualquer pessoa após a Cura, enquanto Beldeine continuava atônita e tentava voltar a si, Verin se abriu ainda mais, se abriu por meio do *angreal* de flor entalhada que trazia na bolsa. Não era um *angreal* dos mais poderosos, mas era o suficiente, e ela precisava de cada pedacinho a mais de Poder que ele lhe dava para dar conta daquilo. Os fluxos que começou a tecer não se pareciam em nada com os da Cura. Espírito era, de longe, o predominante, mas havia Vento e Água, Fogo e Terra, esse último lhe trazendo alguma dificuldade, e até as meadas de Espírito tinham de ser divididas várias e várias vezes, tecidas com tal complexidade que até um tecelão dos melhores tapetes ficaria embasbacado. Mesmo que uma Sábia enfiasse a cabeça dentro da tenda, bastaria um pouquinho de sorte para que não possuísse o raro Talento necessário para saber o que Verin estava fazendo. Ainda haveria dificuldades, talvez dolorosas dificuldades, de um jeito ou de outro, mas ela conseguiria lidar com qualquer coisa que não fosse ser de fato descoberta.

— O que...? — disse Beldeine, sonolenta. Não fosse Verin estar segurando, sua cabeça teria pendido, e as pálpebras estavam parcialmente fechadas. — O que você...? O que está acontecendo?

— Nada que vá lhe fazer mal — tranquilizou-a Verin. A mulher poderia morrer em menos de um ano, ou em dez, por consequência daquilo, mas a tessitura em si não lhe faria mal. — Eu prometo. Isso é tão seguro que se pode usar até em crianças.

Claro que dependia do que se fizesse com aquilo.

Era preciso colocar os fluxos no lugar fio por fio, mas falar parecia mais ajudar que atrapalhar. E um silêncio muito longo poderia levantar suspeitas, caso seus guardas estivessem ouvindo. Os olhos de Verin saltavam com frequência até as abas esvoaçantes da tenda. Ela queria algumas respostas que não tinha a menor intenção de compartilhar, respostas que era provável que nenhuma das mulheres que ela interrogou desse de forma espontânea, nem mesmo se soubesse. Um dos efeitos menores daquela tessitura era soltar a língua e abrir a mente tão bem quanto qualquer erva o faria, surtindo um efeito rápido.

Ela baixou a voz quase ao nível de um sussurro e continuou:

— O garoto al'Thor parece achar que tem certo tipo de apoiadoras dentro da Torre Branca, Beldeine. Em segredo, é claro. Deve ter. — Mesmo que um homem estivesse pressionando o ouvido contra o tecido da tenda, só deveria conseguir identificar que elas estavam conversando. — Me conte tudo que sabe sobre isso.

— Apoiadoras? — murmurou Beldeine, tentando franzir o cenho sem sucesso. Ela se agitou, embora aquilo mal merecesse ser chamado de agitação,

frágil e descoordenada. — Dele? Entre as irmãs? Não pode ser. Exceto vocês que... Como você foi capaz, Verin? Por que você não lutou?

Verin soltou um “tsc, tsc, tsc” irritado. Não pela sugestão tola de que deveria ter lutado com um *ta'veren*. O garoto parecera tão confiante. Por quê? Ela continuou falando baixinho.

— Você não tem nenhuma suspeita, Beldeine? Não ouviu nenhum boato antes de ir embora de Tar Valon? Nenhum cochicho? Ninguém que tenha insinuado se aproximar dele de um jeito diferente? Me conte.

— Ninguém. Quem poderia...? Ninguém faria... Eu admirava tanto Kiruna. — A voz sonolenta de Beldeine acusou um quê de derrota, e as lágrimas que escorreram de seus olhos criaram um rastro na sujeira. Só as mãos de Verin mantinham-na sentada ereta.

Verin continuou urdindo os fios de sua tessitura, os olhos alternando entre seu trabalho e as abas da tenda. Também se sentia prestes a suar. Sorilea talvez decidisse que ela precisava de ajuda com os interrogatórios. Talvez trouxesse uma das irmãs do Palácio do Sol. Se alguma irmã ficasse sabendo daquilo, o estancamento era uma possibilidade muito real.

— Quer dizer então que você ia entregá-lo para Elaida limpinho e bem-comportado — disse ela em um tom de voz um pouco mais alto. O silêncio já se estendera demais. Ela não queria que a dupla lá fora contasse que ela andava cochichando com as prisioneiras.

— Eu não podia... questionar... a decisão de Galina. Ela estava no comando... por ordem da Amyrlin. — Beldeine tornou a se remexer, sem forças. Sua voz permanecia em um tom sonolento, mas ganhou um quê de agitação. As pálpebras tremelicaram. — Ele tinha... que aprender... a obedecer! Tinha que aprender! Não devia ter sido... tão destrutado. Como quando... decidiram... interrogá-lo. Errado.

Verin bufou. Errado? Estava mais para desastroso. Um desastre de cabo a rabo. O homem passara a olhar para qualquer Aes Sedai quase igual a Aeron. E se elas tivessem conseguido levá-lo a Tar Valon? Um *ta'veren* como Rand al'Thor dentro da Torre Branca? Um pensamento para fazer até uma pedra estremecer. Fosse qual fosse o resultado, definir como “desastre” realmente teria sido ameno demais. O preço pago nos Poços de Dumai tinha sido baixo para evitar isso.

Ela seguiu fazendo perguntas em um tom de voz que podia ser compreendido com clareza por qualquer um ouvindo do lado de fora. Fazendo perguntas cujas respostas ela já sabia e evitando as que fossem perigosas demais para serem

respondidas. Verin dava pouca atenção às palavras que lhe saíam da boca ou às respostas de Beldeine. Seu foco principal era a tessitura.

Uma infinidade de coisas havia despertado seu interesse ao longo dos anos, nem todas estritamente aprovadas pela Torre. Quase todas as bravias que foram à Torre para treinamento — tanto bravias de verdade, que tinham de fato se iniciado como autodidatas, quanto garotas que tinham começado a tocar a Fonte apenas porque a centelha com a qual nasceram se estimulava por conta própria; para algumas irmãs, não fazia muita diferença —, quase todas criaram ao menos um truque para si, e esses truques quase que invariavelmente seguiam por um ou outro caminho: alguma forma de ouvir as conversas dos outros ou de conseguir que as pessoas fizessem o que elas queriam.

Para a primeira, a Torre não dava muita bola. Até as bravias que haviam desenvolvido sozinhas um controle considerável aprendiam depressa que, enquanto usassem o branco das noviças, não podiam nem sequer tocar *saidar* sem uma irmã ou uma Aceita supervisionando-a. O que tendia a limitar bastante as escutas às escondidas. O outro truque, no entanto, tinha muita cara de Compulsão, que era proibida. Ah, era só um jeito de fazer o pai lhes dar os vestidos ou penduricalhos que não queria comprar ou fazer a mãe aprovar os rapazes que habitualmente botaria para correr, coisas dessa natureza, mas a Torre arrancava o truque pela raiz com muita eficácia. Muitas das garotas e mulheres com quem Verin conversara ao longo dos anos não conseguia se obrigar a formar as tessituras, muito menos usá-las, e um bom número sequer se lembrava de como eram. De pedacinhos aqui e ali e vestígios de tessituras semiesquecidas, criadas para propósitos muito limitados por garotas sem treinamento, Verin reconstruía algo proibido pela Torre desde a sua fundação. No início, havia sido por pura curiosidade. *A curiosidade*, pensou ela com ironia, trabalhando na tessitura de Beldeine, *já fez com que eu me metesse em mais de uma confusão*. A serventia veio depois.

— Suponho que Elaida pretendia mantê-lo nas celas abertas — disse ela, em tom de conversa. As celas com paredes de barras eram destinadas a homens que canalizavam, bem como a iniciadas da Torre sob prisão vigiada, bravias que tinham afirmado ser Aes Sedai, e qualquer outra pessoa que devesse ser tanto confinada quanto impedida de acessar a Fonte. — Não é um lugar confortável para o Dragão Renascido. Nenhuma privacidade. Você acredita que ele é o Dragão Renascido, Beldeine? — Dessa vez, ela parou para escutar.

— Acredito. — A palavra saiu como um sibilo, e Beldeine virou os olhos assustados na direção do rosto de Verin. — Acredito... mas ele deve... ser mantido... em segurança. O mundo... deve ser... protegido... dele.

Interessante. Todas elas haviam dito que o mundo deveria ser protegido dele. O interessante era aquelas que achavam que ele também precisava de proteção. Algumas das que disseram isso a surpreenderam.

Aos olhos de Verin, a tessitura que ela urdira não parecia mais que um emaranhado aleatório de fios transparentes de brilho tênue enroscados em volta da cabeça de Beldeine, com quatro fios de Espírito despontando daquela confusão. Dois deles, um de frente para o outro, ela puxou, e o emaranhado se desfez ligeiramente, desabando e formando algo quase organizado. Os olhos de Beldeine se arregalaram, fixos ao longe.

Com uma voz baixa e firme, Verin lhe deu instruções. Estavam mais para sugestões, embora ela as pronunciasse como comandos. Beldeine teria de encontrar motivos dentro de si para obedecer. Se não, todo aquele esforço teria sido em vão.

Com as últimas palavras, Verin puxou os outros dois fios de Espírito e o emaranhado se desfez ainda mais. Dessa vez, contudo, configurando-se no que parecia ser uma organização perfeita, um padrão mais preciso, mais complicado até que a renda mais intrincada, e completo, amarrado pela mesma ação que iniciara seu encolhimento. Ele foi desabando em torno da cabeça de Beldeine sem parar. Os fios de brilho tênue foram penetrando na garota e desapareceram. Os olhos dela se reviraram e ela começou a se debater, os membros se sacudindo. Verin segurou-a com a maior delicadeza possível, mas a cabeça de Beldeine ainda se agitava de um lado para outro, os calcanhares descalços tamborilando nos tapetes. Em pouco tempo, só uma Detecção das mais cuidadosas indicaria que algo havia sido feito ali, e nem isso identificaria a tessitura. Verin fizera esse teste com cuidado, e, na opinião dela, ninguém a superava em Detecção.

Claro que aquilo não era exatamente Compulsão, como os antigos textos a descreviam. A tessitura sumiu com dolorosa lentidão, improvisada como era, e havia aquela necessidade de um motivo. Ajudava bastante que o alvo da tessitura estivesse vulnerável emocionalmente, mas a confiança era absolutamente necessária. Mesmo pegar alguém de surpresa não adiantava de nada se houvesse desconfiança. Isso diminuía consideravelmente sua utilidade com homens, já que *pouquíssimos* não ficavam desconfiados na presença de uma Aes Sedai.

Desconfianças à parte, homens eram péssimos experimentos, infelizmente. Verin não conseguia entender por quê. A maioria das tessituras feitas por aquelas bravias se destinava a seus pais ou outros homens. Qualquer personalidade forte podia começar a questionar as próprias ações — ou até a esquecê-las, o que levaria a outros tipos de problemas —, mas, em condições normais, os

homens eram muito mais propensos a tal. Muito mais propensos. Talvez fosse a desconfiança de novo. Ora, uma vez um homem se lembrara até das tessituras lhe sendo urdidadas, mas não das instruções que lhe foram dadas. Quanta chateação *aquilo* causou! Não era algo que ela arriscaria outra vez.

Por fim, as convulsões de Beldeine foram diminuindo e cessaram. Ela levou a mão imunda até a cabeça.

— O quê...? O que aconteceu? — indagou ela, quase inaudível. — Eu desmaiei?

A amnésia era outra vantagem da tessitura, e não causava surpresa. Afinal, o pai não devia se lembrar que, de alguma forma, tinha sido levado a comprar aquele vestido caro.

— Está um calor terrível — disse Verin, ajudando-a a se sentar de novo. — Eu mesma me senti zonha uma ou duas vezes hoje.

De cansaço, não de calor. Dar conta de tanto *saidar* exigia muito da pessoa, em especial quando já se fizera aquilo quatro vezes só naquele dia. O *angreal* não fazia nada para diminuir os efeitos a partir do momento em que se parava de usá-lo. Ela também queria uma mão lhe dando apoio.

— Acho que já chega. Se você está desmaiando, pode ser que encontrem algo para você fazer longe do sol. — A ideia não pareceu animar Beldeine nem um pouco.

Esfregando a região lombar, Verin pôs a cabeça para fora da tenda. Coram e Mendan interromperam outra vez a partida de cama de gato; não havia o menor sinal de que um deles tivesse ouvido alguma coisa, mas ela não apostaria sua vida nisso. Ela disse aos dois que já tinha terminado com Beldeine e, após pensar por um instante, acrescentou que precisava de outro cântaro de água, já que Beldeine derramara o dela. O rosto deles avermelhou-se sob a pele bronzeada. A informação seria repassada à Sábida que fosse buscar Beldeine. Serviria como um dado a mais para ajudá-la a tomar sua decisão.

Ainda faltava muito para o sol sumir no horizonte, mas a dor nas costas lhe sinalizava que estava na hora de parar por aquele dia. Ainda conseguia dar conta de mais uma irmã, mas, se o fizesse, cada músculo a recordaria disso pela manhã. O olhar de Verin pousou em Irgain, agora com as mulheres carregando cestos até as moendas. Ela se perguntou o que teria sido de sua vida se não tivesse sido tão curiosa. Para começar, teria se casado com Eadwin e permanecido em Far Madding, em vez de ter ido para a Torre Branca. Além disso, já teria morrido há muito tempo, assim como os filhos que ela nunca teve, e os netos também.

Com um suspiro, ela tornou a se dirigir a Coram.

— Quando Mendan voltar, você poderia ir avisar para Colinda que eu gostaria de ver Irgain Fatamed?

A dor muscular no dia seguinte seria um castigo pequeno se comparada ao sofrimento de Beldeine pela água derramada, mas não foi por isso que ela a delatou, nem por sua curiosidade, na verdade. Ela ainda tinha uma missão. De alguma forma, precisava manter o jovem Rand vivo até que chegasse a hora de ele morrer.

O aposento poderia ser parte de um suntuoso palácio, tirando o fato de não possuir nem portas nem janelas. O fogo na lareira de mármore dourado não gerava calor, e as chamas não consumiam a lenha. O homem sentado à mesa de pernas douradas no centro de um tapete de seda confeccionado com fios cintilantes de ouro e prata dava pouca importância aos ornamentos daquela Era. Eram necessários para impressionar, apenas isso. Não que ele realmente precisasse de mais que sua própria figura para intimidar até a empáfia mais altiva. Chamava-se Moridin, e certamente nunca houvera ninguém que tivesse mais direito de se autointitular “a Morte”.

De tempos em tempos, alisava distraído uma das duas armadilhas mentais que pendiam dos cordões simples e macios que lhe envolviam o pescoço. Ao seu toque, o cristal vermelho-sangue da *cour'souvra* pulsava, espirais movendo-se em profundezas infinitas feito as batidas de um coração. Sua atenção estava de fato no jogo que se encontrava diante dele sobre a mesa, trinta e três peças vermelhas e trinta e três verdes dispostas em um tabuleiro composto por treze fileiras de treze quadrados. Uma recriação dos primórdios de um famoso jogo. A peça mais importante, o Pescador, preta e branca como o tabuleiro, ainda aguardava em sua posição inicial, o quadrado central. Um jogo complexo, *sha'rah*, já antigo muito antes da Guerra do Poder. *Sha'rah*, *tcheran* e *no'ri*, o jogo agora era conhecido simplesmente como “Pedras”, cada um com seus adeptos que afirmavam que o jogo abrangia todas as sutilezas da vida, mas Moridin sempre preferira o *sha'rah*. Só nove pessoas ainda vivas se lembravam do jogo, do qual ele sempre fora um mestre. Muito mais complexo que o *tcheran* ou o *no'ri*. O primeiro objetivo era capturar o Pescador. Aí, sim, o jogo começava para valer.

Um serviçal se aproximou, um rapaz esbelto e gracioso todo vestido de branco, de uma beleza impossível, e fez uma mesura ao oferecer uma taça de cristal em uma bandeja de prata. Ele sorriu, mas seus olhos negros não se alteraram, olhos mais sem vida que simplesmente mortos. A maioria dos homens teria ficado desconfortável recebendo um olhar como aquele. Moridin só fez

apanhar a taça e gesticular para que o serviçal se retirasse. Os vinicultores daquela época produziam vinhos excelentes. Ele, porém, não bebeu.

O Pescador detinha sua atenção e o atiçava. Várias peças possuíam movimentos distintos, mas só os atributos do Pescador mudavam de acordo com a posição que ele ocupava. Em um quadrado branco, era fraco no ataque, mas ágil e com fugas extensas; já em um preto, tinha ataque forte, mas ficava lento e vulnerável. Em jogos entre mestres, o Pescador mudava de lado muitas vezes até o final da partida. A fileira verde e vermelha da meta, que circundava toda a superfície de jogo, podia ser ameaçada por qualquer peça, mas só o Pescador podia se mover nela. Não que mesmo ali ele estivesse seguro. O Pescador nunca estava seguro. Quem o tivesse em seu poder tentava movê-lo para um quadrado da sua cor atrás da linha adversária do tabuleiro. Isso significava a vitória, a maneira mais fácil, mas não a única. Quando era o oponente que detinha o Pescador, tentava-se deixá-lo sem opção e obrigá-lo a mover o Pescador para a sua cor. Qualquer quadrado ao longo da fileira da meta cumpria esse objetivo; ficar de posse do Pescador podia ser mais perigoso que não o ter. Claro que havia um terceiro caminho para a vitória no *sha'rah*, se um jogador o executasse antes de se deixar ser encurralado. O jogo sempre descambava para uma disputa sangrenta, quando a vitória então só vinha com a aniquilação completa do inimigo. No desespero, ele já tentara essa opção uma vez, mas a tentativa falhara. Dolorosamente.

De repente, a fúria fervilhou na cabeça de Moridin, e manchas negras flutuaram em sua visão enquanto ele agarrava o Poder Verdadeiro. O êxtase que chegava a doer trevejou por todo o seu corpo. A mão se fechou em torno das duas armadilhas mentais e o Poder Verdadeiro envolveu o Pescador, lançando-o no ar, a uma nesga de fazê-lo virar pó, de eliminar esse pó da existência. A taça se espatifou em sua mão. A força da pegada estava a ponto de triturar a *cour'souvra*. Os *saa* eram uma nevasca negra, mas não lhe obstruíam a visão. O Pescador sempre era representado como um homem, uma venda a lhe tapar os olhos e uma das mãos pressionando a lateral do corpo, algumas gotas de sangue escorrendo pelos dedos. As razões para isso, assim como a origem do nome da peça, se perderam nas brumas do tempo. Aquilo às vezes o atormentava, o irritava, que um conhecimento pudesse se perder no girar da Roda, conhecimento de que ele precisava, conhecimento a que tinha direito. Direito!

Devagar, ele devolveu o Pescador ao tabuleiro. Devagar, seus dedos se abriram e soltaram o *cour'souvra*. Não havia por que destruir nada. Ainda. Em um piscar de olhos, uma calma gélida tomou o lugar da raiva. Sangue e vinho gotejavam de sua mão cortada sem que ele notasse. Podia ser que o Pescador

realmente viesse de um vestígio fugidio de alguma memória de Rand al'Thor, a sombra de uma sombra. Não importava. Moridin se deu conta de que gargalhava e não fez nenhum esforço para parar. No tabuleiro, o Pescador estava aguardando, mas, no jogo maior, al'Thor já se movia conforme seus desejos. E em breve, logo... era muito difícil perder um jogo quando se jogava dos dois lados do tabuleiro. Moridin gargalhava com tanto gosto que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto sem ele nem perceber.





No oitavo volume da série que consagrou Robert Jordan como o maior nome da fantasia desde J.R.R. Tolkien, Elayne e Nynaeve fortalecem alianças difíceis com outras canalizadoras em nome da cooperação que pode restaurar o equilíbrio climático no mundo, libertando-o da influência arrasadora do Tenebroso. Enquanto isso, Egwene precisa encontrar uma maneira de triunfar sobre suas rivais entre as Aes Sedai rebeldes se quiser fazer frente a Elaida, que ainda mantém seu controle sobre a Torre Branca.

Mas nem todas as alianças são duradouras, e Perrin, acompanhado por Faile, parte em uma jornada perigosa para deter aqueles que agora cometem atrocidades em nome de Rand. Quando os invasores Seanchan partem em direção a Illian, o temido exército de Asha'man formado por Rand é a última esperança de impedir a dominação de seu povo.

No entanto, a mácula de saidin ameaça a integridade de suas forças, lembrando o Dragão Renascido de que, nas guerras e disputas entre os homens, a maior vitória é sempre da Sombra. Publicação inédita no Brasil, *O Caminho das Adagas* chega às livrarias na esteira do sucesso da série do Amazon Prime Video, estrelada por Rosamund Pike.

Em mais uma obra incomparável que conquistou milhões de fãs, Robert Jordan presenteia os leitores com personagens notáveis, tramas intrincadas e uma impecável construção de mundo.

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1228/>